

**AFONSO LOPES VIEIRA**

— de *Conto do Natal (1905) a Santo António. Jornada do Centenário (1932)* —  
um percurso do apaziguamento

Cristina Nobre

0. Quando me convidaram a participar nestas Jornadas Culturais, subordinadas à grande temática *Imagens de Deus na Literatura Portuguesa dos séculos XIX e XX*, não pude deixar de fazer uma analogia pessoal entre a epígrafe escolhida para figurar no folheto do evento em que hoje participamos — *Cristo, o Homem que mudou a História* — e uma outra epígrafe que eu bem poderia colocar na abertura da minha comunicação, para que assim se tornasse imediatamente perceptível a orientação das minhas palavras neste local e nesta problemática — *Afonso Lopes Vieira, o Poeta que mudou a minha história*.

Não poderia, efectivamente, falar-vos de outro autor, já que tem sido a Afonso Lopes Vieira [ALV] que o meu empenho de investigação se tem dedicado nos últimos sete anos. Mas não foi fácil para mim acompanhar o desafio desta proposta. Deus não foi, propriamente, um tema tratado durante a redacção da minha dissertação de doutoramento, não apenas porque eu procurava os sinais de uma *reescrita de Portugal*, mas também porque a temática religiosa não me parecia ter sido determinante na produção literária deste autor, nascido no final do séc. XIX (1878) e falecido a meio do século passado (1946). E estes nossos pré-conceitos, esta nossa maneira de querer tratar um assunto julgando conhecê-lo à partida é, muitas vezes, uma das causas das nossas limitações, tanto as de investigação, como a de redução das nossas capacidades humanas aos limites do conhecimento racional, confortável e seguro, fugindo às inquietantes questões do ser e do ser em Deus.

É, portanto, para vos falar de um novo desafio que aqui estou hoje. Uma diferente inquietação que me fez voltar a olhar para um ALV que julgava ter dissecado completamente, um ALV em cuja intimidade literária convivi durante anos, passando sempre ao largo da velha questão religiosa — essa em que o nosso confronto (conflito, diálogo, comunhão, partilha?... ) de vencedores e vencidos homens de um novo milénio com Deus pode ser mais ou menos obliterado, escondido, esquecido ou conscientemente apagado, mas cuja latência acaba por emergir como denúncia da ponta do humano e incontornável icebergue — a incómoda e ininterrupta conversa com Deus.

Gostaria, por conseguinte, de (re)fazer convosco um trajecto de descoberta da escrita literária de ALV, seguindo um percurso previamente seleccionado por mim e evidenciado no título da comunicação — *Afonso Lopes Vieira — de Conto do Natal (1905) a Santo António. Jornada do Centenário (1932) — um percurso do apaziguamento* —, mas que me parece elucidativo de uma relação do autor leiriense com Deus e a religião, passando basicamente por três grandes, estruturantes e diversos momentos:

— um primeiro momento conflitual de interrogação e questionamento, em que a imagem de Jesus Cristo é posta em causa através da desconstrução de uma série de verdades ortodoxas da fé católica;

— um segundo momento de busca de uma solução religiosa na comunhão com a mãe-natureza e com a imagem modelar de alguns homens-heróis ou santos, como S. Francisco de Assis;

— um terceiro momento de apaziguamento das dilacerações existenciais e religiosas no entendimento modelar da vida exemplar do português St.º António.

No que este trajecto tripartido vos parecer viciado na esquemática e hegeliana visão da História em tese, antítese e síntese, apenas posso adiantar que ALV foi homem de muitas e variadas intuições e que o orgulho de aristocrata popular nunca o impediu de publicamente mostrar a certeza da sua fé, ainda quando ela ficava por explicar na incerteza dos nevoeiros sebastianistas onde as suas *ilhas de bruma* se architectaram.

1. Em 1905, quando ALV publica um breve poema intitulado *Conto do Natal* [CN], pela editora Viúva Tavares Cardoso, o autor já não era um desconhecido no mundo das letras portuguesas. Tinha-se estreado em 1897 com *Para Quê?* [PQ?], nos seus 19 anos de estudante coimbrão, não sem antes ter passado pela prova da imprensa periódica onde publicara composições poéticas juvenis e incipientes, mas que o tinham lançado no mundo da escrita e lhe abriam as portas para uma revelação precoce. No ano seguinte publicava *Naúfrago. Versos Lusitanos* [NVL], e em 1900 *O Meu Adeus* [MA], uma despedida conjunta da cidade estudantil e dos tempos ainda românticos da juventude. Com *O Poeta saudade* [PS], de 1901, iniciara o caminho para uma nova fase na sua produção poética. Aliás, o cognome *poeta saudade* marca convictamente o poeta

com o fazer de uma poética saudosista. Em 1904, a audácia do jovem autor chegava ao ponto de se achar merecedor de uma antologia poética, publicada sob o título *Poesias Escolhidas (1898-1902)* [PE].

Na verdade, mais do que um simples indicador da popularidade que ALV já tinha alcançado nestes seus primeiros voos poéticos<sup>1</sup>, a vontade de se querer antologado poeticamente aos 25 anos pode revelar uma intenção pedagógica — marca de um fazer e saber fazer que acompanhará este autor durante toda a vida — de guardar apenas o que de melhor teve uma determinante, mas encerrada, fase da sua vida literária. Se encararmos assim estas PE, isso poderá significar que ALV teve consciência crítica de que uma mudança se ia operar na sua produção literária e, provavelmente, na própria concepção do universo e da ideologia epocal com a qual conviveu e na qual o pensamento e a escrita do autor evoluíram.

Efectivamente, CN, bem como o outro livro de 1905, *O Encoberto* [OE], foram saudados pela crítica como uma nova fase na poesia do jovem ALV, uma fase em que a entrada na maturidade se ligava a uma passagem notória e visível de uma poética decadentista e finissecular para uma poética vitalista e anarquizante, preocupada com as injustiças terrenas e as dores da humanidade. Esta fase estabelece uma relação evidente com os ideais republicanos defendidos por uma geração aglomerada à volta de revistas como *Arte & Vida*, de que faziam parte, por exemplo, João de Barros, Manuel de Sousa Pinto, Manuel Teixeira-Gomes, Manuel Laranjeiro e João de Deus Ramos, e consubstanciada no mestrado incontestável de Teófilo Braga, figura venerada por ALV que lhe oferece a dedicatória do livro seguinte, *Ar Livre* [AL], de 1906.

As reacções da crítica contemporânea do autor são abertamente valorativas, quer para CN, quer para OE, reconhecendo a mudança na poética de ALV, posicionando-o entre António Correia de Oliveira e Guedes Teixeira, mas insistindo também nalgumas reminiscências escusadas de Guerra Junqueiro e António Nobre. A crítica da época entendeu muito bem o idealismo humanitarista presente em OE<sup>2</sup> — que superava em

---

<sup>1</sup> A este indicador deveriam acrescentar-se as muitas e variadas recensões e críticas literárias de que foram alvo os livros aqui referidos na imprensa da época, a maioria das quais se encontram preservadas em dois grandes álbuns do espólio do poeta, pertença da Biblioteca Municipal de Leiria [BML], intitulados *Rememrança*.

<sup>2</sup> Leiam-se as palavras de um crítico anónimo de então, bastante atento aos novos processos retórico-estilísticos de ALV evidenciados em OE, que escreveu um artigo de recensão para o *Diário Ilustrado*, de Lisboa: "[...] Tomando por ponto de partida a lenda sebastianista, que tanto tem seduzido os nossos escritores contemporâneos, o sr. Lopes Vieira deu-lhe maior largueza, consubstanciando no ideal messiânico a eterna aspiração humana para a Perfeição, na sua tríplice forma de Beleza, Verdade e Justiça. Da leitura do poema depreende-se facilmente que o autor foi dominado pela preocupação de produzir no leitor uma impressão de indefinido e de vago, dentro da qual cada um possa dar corpo e forma à sua maneira especial de sentir o universo moral. Actuando assim por processos antes musicais do que literários, OE caracteriza-se também, nos pormenores de realização, por uma factura a que, na falta de melhor adjectivo, chamaremos *wagneriana*: emprêgo frequente do *leit-motiv*, repetição de palavras, aliterações, variedade e entrelaçamento das mais diversas formas métricas, contrastes violentos de harmonia e dissonância, etc., etc. [...]" (*apud* Campos, 1925a: XXV-XXVI).

muito uma simples aproximação à lenda sebastianista — e conseguiu ler os essenciais vestígios de uma estética que começava a individualizar-se, em especial através de uma utilização da linguagem na sua essência rítmica, isto é, no aproveitamento musical do efeito do significante sobre o significado.

João de Barros, então director da revista *Arte & Vida*, assinava uma recensão crítica sobre OE, com a qual se resgatava de anteriores desconsiderações feitas sobre a orientação da obra de ALV:

Abandonando de vez — segundo julgo — as suas preciosidades anachronicas, o Poeta aproximou-se da vida moderna e encontrou para a sua poesia uma fonte de larga e pura inspiração. Registo-o com muita alegria — tanto maior quanto é certo que não ha ainda um anno, eu o accusei de querer viver demasiadamente fóra do seu tempo. (Barros, 1905: 312).

O próprio ALV estava consciente do valor literário de OE, sobretudo da quarta e última parte<sup>3</sup> (a que mais prezava, por ser aquela onde os nós antes tecidos ganhavam o seu sentido simbólico), do peso com que as palavras baptismais de Teófilo Braga consagravam o seu trabalho, e da distância a que se posicionava do comum mito sebastianista<sup>4</sup>.

Alguma coisa se tem discutido sobre esta inesperada fase da obra de ALV, rendido aos ideais anarquistas e republicanos de um novo ideal de justiça, e raros são os críticos que a julgam como uma fase determinante num autor que, pelo resto da sua obra publicada, havia de continuar a revelar uma preferência nítida pelas formas clássicas e por um modelo conservador de sociedade e de poesia.

<sup>3</sup> Na recensão crítica referida, João de Barros é também desta opinião, concluindo assim a sua apreciação: "Esquecendo estes pequenos detalhes [reminiscências da *Pátria* de Junqueiro no 1.º canto; certos exageros de técnica, como a rima interior; quadras à 'Assunçõesinha' no 3.º canto, demasiado regionais], e lembrando ainda que o 4.º canto chega a ter um grande sôpro trágico, a impressão que o *Encoberto* me deixa é d'uma obra profunda e seria, d'uma arte conscienciosa, d'uma beleza sadia; e penso que a nossa geração deve orgulhar-se de possuir no sr. Affonso Lopes-Vieira um grande poeta lyrico, que dá ao seu lyrismo toda a amplitude que reclamam os ideaes modernos." (Barros, 1905: 313).

<sup>4</sup> Numa carta, não datada, dirigida a António Carneiro, onde solicita a este artista um desenho para a capa de OE, ALV tece uma série de considerações sobre a obra, então a entrar no prelo, que evidenciam a sua postura pedagógica e didáctica, talvez um pouco narcísica: "[...] Tem agora tempo e disposição para desenhar uma capa para o meu proximo livro *O Encoberto*? *O Encoberto* q. eu bem ou mal fiz não é, — faz-me a justiça de acreditar, — o Sebastião conhecido. O Theofilo Braga, a quem li parte do livro, e q. tem um poder extraordinario de sintese como o melhor leitor, q. elle é, de todas as Espanhas, resumiu nestas palavras, q. vem no livro, a minha intenção: — O tema do *Encoberto* / é o ideal messianico, não já religioso nem nacional, mas humano. Essa incognita da nova vida tem de se desvendar pela demolição de acanhados pardieiros q. nos asfixiam". É sob este aspecto q. eu vejo o simbolo, tão combativo e humano, da *manhan de nevoeiro*. No ultimo dos quatro piquenos cantos, — onde está o interesse, — figura-se uma imensa Noite, q. um longo povo de dores atravessa. São os pastores, os pescadores, os cavadores, os emigrantes, os mineiros, os presos, as prostitutas, os degredados, os soldados, os operarios, os mendigos, todos os q. sofrem, e cada multidão dizendo a sua dor. Depois, vem nascendo, lenta e redentora, a *manhan*... § Se o assunto o interessa, aqui lhe fica feito, com muito empenho, o pedido duma ilustração. A impossibilidade de lhe lêr os versos, torna decerto mais difficil a empreza, em q., evidentemente, o contemplado sou eu. Envio-lhe justamente o final / do livro, em q. se descreve o amanhecer, o vir da luz para q. esta ronda caminha [...]" [BMP, esp. de Alberto de Serpa, M-SER-657 (2)]. Esta carta está acompanhada por um autógrafo ms. de 4 pp. A5, assinado por ALV, onde se pode ler a transcrição da parte final de OE, desde "Começa a amanhecer... / Na terra toda [...]" até ao final, cuja cota é M-SER-657 (1).

Será curioso relacionarmos este período de viragem dentro do próprio esteticismo finissecular com duas grandes, graves e profundas alterações na vida adulta de ALV: o casamento, em Abril de 1902, e a publicação de *Marques (História d'um Perseguido)* [M(HP)], em 1903, o seu único livro de ficção. Mudança de estado civil e mudança de registo — de rapaz estudante solteiro em responsável chefe de família, de poeta-saudade em narrador empático de um humilhado. Se bem que nenhum destes campos pareça essencial ao nosso âmbito de investigação, a transformação que representam é de tal modo enorme que merece ser referida, mesmo se para ser apenas registada e deixar uma abertura a possíveis reflexões menos tradicionalistas e mais apostadas na dimensão totalizante de um autor.

Mas centremo-nos nalgumas passagens de CN, o texto que com mais veemência põe em causa uma certa imagem de Deus e do catolicismo até aí aceite e venerada pela sociedade e pela literatura portuguesas.

**1.1. *Conto do Natal* [CN]** apresentava dimensões bastante mais reduzidas que OE e tinha sido, aliás, publicado antes dele<sup>5</sup>. ALV referia-se-lhe como *folheto*, evidenciando a sua forma incipiente. Podemos lê-lo como uma espécie de embrião deste idealismo humanitarista em que ALV enriquecerá a sua obra durante esta nova fase. Embrião em tamanho (trata-se de um poema breve), e na suposta tranquilidade do título, "[...] transpunha para a lírica o subversivo espírito da nova orientação do escritor." (Pereira, 1979: 75). Aparecia por contraste com títulos de outras obras dentro de orientações supostamente afins, como *O Anti-Cristo* de Gomes Leal<sup>6</sup> (cuja 1ª. versão tinha sido publicada em 1884 e comercializada em 1886, e depois refundida em 1907), ou *A Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro<sup>7</sup> (de 1885), e esse contraste indicava explicitamente o diferente percurso seguido.

---

<sup>5</sup> Na carta a António Carneiro, citada anteriormente, em *post-scriptum*, ALV irmana estes dois livros numa mesma fase, se aceitarmos que o desejo e o incentivo à leitura que está sempre por trás de uma cortesia de oferta, é, também, uma indicação de leitura que a crítica literária poderá aproveitar: "[...] Não sei se lhe ofereci o folheto q. ha pouco publiquei — *Conto do Natal?*" [BMP, esp. de Alberto de Serpa, M-SER-657(2)].

<sup>6</sup> Da biblioteca de ALV fazem parte alguns livros de Gomes Leal, como *A Fome de Camões* (1880), *Claridades do Sul* (1901) e *A Mulher de Luto* (1902), mas não *O Anti-Cristo*, o que pode querer dizer que ALV nunca tenha manuseado este livro.

<sup>7</sup> Da biblioteca de ALV fazem parte vários livros de Guerra Junqueiro, como a *Oração ao Pão* (1902), a *Oração à Luz* (1904), o *Monstro Alemão* (1918), as *Prosas Dispersas* (1921), todos com dedicatória de oferta do autor a ALV, e ainda *Patria* (1896) e a *Antologia — Junqueiro (Verso e Prosa)* (1921) organizada por Agostinho de Campos. Na verdade *A Velhice do Padre Eterno* não se encontra aí, o que levanta algumas dúvidas sobre uma possível leitura feita por ALV.

Sob a capa da ironia, todo o poema gira à volta da inversão da jornada típica da literatura finissecular<sup>8</sup> — o mendigo triste, que é Jesus, não termina mas reinicia a sua caminhada pelo mundo, visitando primeiro um Rico, na Cidade, e depois um Pobre, no Campo, para ser confrontado com a mesma desilusão sem remédio perante o espectáculo da Dor humana:

Jesus partiu... Já descórrava a luz  
Das estrelas, na noite silenciosa.

E chorava na alma de Jesus  
A Vida, a grande Mater Dolorosa!... [CN: 21].

A Cidade, apresentada através da metáfora inicial da "alcateia das casas, monstruosa / Negra na noite cava e tenebrosa" [CN: 6], revela-se o reino do poder económico e dos seus malefícios, definitivamente estruturados na fala do Rico, "dura e avara" [CN: 9], que nem sequer deixa Jesus transpor a ombreira da sua porta. Alguns destes versos, pelas suas notas realistas e pelo tom irónico, adquirem laivos de Cesário Verde<sup>9</sup>. Tal como Cesário, também ALV, através da figura metamorfoseada do pobre vagabundo, não encontrará no Campo a esperada bênção, e muito menos uma reconciliação com a natureza. Pelo contrário, através de um processo irónico de frustração das expectativas de Jesus, e de tudo o que o catolicismo deveria simbolizar e literalmente ter acrescentado, o Pobre revela-se completamente despossuído dos bens terrenos, eternamente escravo duma terra que lhe nega os bens essenciais, apenas devedor a Deus da sua consciência de ser humano que, se lhe serviu de consolo, lhe serve também de Dor acrescentada, que é sempre a da incerteza gerada pela dúvida:

O outro é inda o mesmo dôrso curvo,  
O mesmo bicho tôrvo, e escuro e turvo,

Em cujo olhar, porém, mais brilha agora  
A consciência da Dôr, que mais devora."  
e "Mas sou mais pobre e desgraçado, eu!  
Porque sofro — e duvido do teu ceo!... [CN: 15 e 18].

<sup>8</sup> Seabra Pereira enquadra deste modo o CN na literatura da sua época: " Situados no quadro histórico do imaginário e dos estilemas da moderna poesia portuguesa, a abertura e o fecho de *Conto do Natal* (1905) bastam para nos introduzir na situação estético-ideológica desse poema de dísticos de decassílabos. O inicial [...] coloca-nos perante o desenganado regresso do príncipe junqueiriano, do filho do século abalado à conformação e fruição do mundo segundo os ditames da Ideia pura e do Coração sensível (como satirizaria Sardinha), se não da jacobina corruptela do catecismo comtiano. [...] § Por seu turno, [...], o final de *Conto do Natal* transporta-nos para os terrenos daquela corrente que, entre os neo-Romantismos que precedem *Orpheu*, mais perecível estesia gera, mas mais forte voz impõe nos dois primeiros lustros do século XX. [...]" (Pereira, 1979: 81-2).

<sup>9</sup> Leiam-se, por exemplo, os seguintes versos: "Por cada rua vasta da Cidade, / Ha bairros de penumbra e de humidade § Onde as casas transpiram, como suores, / A febre dos seus tristes moradores. § Homens lentos e armados, caminhando / Pela Cidade, andam auscultando § O rumor que a Cidade adormecida / Faz quando dorme e sonha com a vida... § E equilibram a desharmonia / D'esta inimiga e negra casaria." [CN: 7].

A expectativa aberta pelo casebre do pobre, assinalada como uma "estrela que no chão poisava" [CN: 13] é desmontada por esta fala que desmistifica o compromisso evangélico e a *aurea mediocritas* de um ruralismo edénico. Grande parte dos *topoi* da literatura de protesto da época são retomados na longa fala do Pobre, transformada num discurso de protesto e denúncia que Jesus "imovel como as pedras, / ia escutando" [CN: 20]— a aceitação de uma vida de sacrifícios, em nome de um Sonho de humanidade, que só tem eco "na agonia / De cada hora e de cada dia" [CN: 16]; a exploração das várias formas de trabalho do anónimo povo, seja nos grandes feitos da História, na Guerra, na Religião, nas Revoluções, na luta do dia-a-dia, condensada numa visão de inferno sem chamas: "Somos ainda quem veludos tece / E se cobre de andrajos! E quem desce // Às minas, a extrair carvão, e em casa / Não tem calor num crepitar de braza!" [CN: 19-20]; a eterna prepotência dos poderosos sobre os fracos: "Como outrora, inda as nossas filhas são / carne p'ra goso ou p'ra resignação..." [CN: 20].

Com CN, ALV estava ao lado dos que protestavam contra o serviço militar obrigatório, como o seu amigo Trindade Coelho, e dos que repudiavam a exploração senhorial e o canibalismo da guerra, como Teófilo Braga, e o movimento de Livre-Pensamento, mas não podia deixar de revelar uma perspectiva positiva sobre o influxo social do Cristianismo. Foge, assim, a um anti-clericalismo redutor, o que, se é fugir ao discurso da escola, é, sobretudo, demarcar-se naquilo que a sua individualidade lhe deu de profundamente humano, e que se pode já começar a identificar com um certo ideal franciscano em germinação<sup>10</sup>.

O Pobre duvida, angustiado pela sua própria dúvida, pois não está saciado pelos frutos do combate social, e a "Nova luz que vai nova amanhecendo" [CN: 18], esperança renovada de todas as revoluções, não chega para o fazer entrar no festivo reformismo da propaganda republicana. O sofrimento existencial é, talvez, o que mais aproxima o Pobre do homem moderno, bastante distanciado das euforias agnósticas então na moda.

Projectando-se por osmose nesta figura de Jesus, ALV percorre, no determinado acaso do seu arranque de vida e de uma obra que se começa a cumprir, um trilho de desilusões e de angústias humanas que só a reconciliação com a Natureza — mãe-divina — poderá acalmar. As interrogações religiosas, para as quais nem Jesus encontra outra resposta além do silêncio e da certeza da Dor humana, não servem para aniquilar a

---

<sup>10</sup> Veja-se o artigo de José Carlos Seabra Pereira, "Autour de la thematique politique et de l'engagement dans la littérature portugaise. De l'Ultimatum au Regicide" in *Utopie et Socialisme au Portugal au XIXe. siècle*, Actes du Colloque, FCG-CCP, Paris, 1982, onde se faz uma revisão pelas obras M(HP), OE, CN e AL enquanto exemplos de uma literatura de intervenção.

crença religiosa mas para a redimensionar num mundo moderno em constantes convulsões. Nesse mundo, o homem e o poeta estão cada vez mais solitários no confronto com os mistérios da existência e da essência, e o silêncio de Jesus é, de uma certa e angustiada forma, uma humanização da própria divindade, capaz de partilhar (mas não de responder com outras certezas além das da fé) as fundas angústias humanas.

Cada vez mais distanciado da mundividência decadentista, ALV não se pode considerar até este momento do percurso um representante linear, escolar convicto, do neo-romantismo vitalista. A sua identificação autoral com o "mendigo triste" [CN: 5] é demasiado óbvia e pesada, para que essa tristeza não seja canalizada para sentimentos mais nostálgicos e menos activamente expostos, pois ALV, mesmo nos tempos mais joviais da juventude, nunca deixou de prezar a sua intimidade, talvez a semente da sua intrínseca solidão, num crescimento que foi um afastamento progressivo de modelos restritos de escrita até encontrar o trilho de uma reescrita do passado filtrado por sua voz.

2. A fase seguinte da obra de ALV pode ler-se como uma fuga para a frente, uma tentativa de encontrar respostas positivas e construtivas para as silenciadas, mais do que provocatórias, inquietações e reflexões de CN. A dor finissecular cede o seu lugar à adoração da beleza em todas as suas mínimas formas — nas formas ínfimas do significante, na sugestão musical, na natureza como reflexo de uma perfeição divina. Foi este o foco de luz harmonioso que permitiu a ALV encontrar uma solução optimista para a dilaceração existencial. A poesia no coração da ideia, a suprema ilusão da arte como redenção da vida. Ou as múltiplas faces de Apolo em fuga perante o negro de todas as hesitações, o trabalho da poesia como harmonia suprema do universo.

ALV entra, assim, no lado apolíneo da vida, de "aspiração para o Amor integral", penetra na textura da natureza e das palavras e abandona o estado larval para se fixar, maduramente, numa poética da linguagem musical, onde o seu próprio ritmo se constrói passo a passo. Teixeira de Pascoaes coloca-o entre a 'nevoa sebastianista' e o 'sol apolíneo' num retrato desta ambígua fase da produção poética de ALV que anda em busca de um 'lirismo definitivo', mas ainda não o encontrou:

Lopes-Vieira veio ao mundo envolto na sombra do Encoberto. A lembrança do Rei camoneano amanhece florescida nos seus versos, porque o genio pantheista do Poeta dá iluminado relêvo á treva e colorida carne aos esqueletos... D'este casamento entre a nevoa sebastianista e o sol apolíneo nasceram o *Ar Livre*, o *Pão e as Rosas* e as *Canções do Sol e do Vento*... (Pascoaes, 1919: 243).

Embora sem querer deliberadamente participar num programa ditado por escolas, também ALV se tinha interessado pela figura carismática do santo de Assis e, provavelmente, com esse novo interesse se relaciona a viagem que faz a Itália durante a Primavera de 1908, numa peregrinação pelos mesmos locais que S. Francisco teria percorrido. Dessa viagem trouxe um livro do professor R. Fornaciari, *I Fioretti di San Francesco* (1902)<sup>11</sup>, que foi muito manuseado e lhe deve ter servido de inspiração para as figuras do acto em verso *Rosas Bravas* [RB], de 1911. Além deste, manuseou também intensamente o livro de Paul Sabatier, *Vie de S. François d'Assise*<sup>12</sup>, cuja primeira edição era de 1893, e do qual destaca uma passagem sobre a pobreza franciscana que figura como epígrafe (juntamente com um excerto de um poema de Jacopone da Todí sobre a pobreza) de RB.

Na verdade ALV tinha-se inscrito nesta sensibilidade franciscana epocal com algumas composições de AL, em especial as "Almas Suprêmas", "Francisco de Assis" e "Spinoza" [AL: 123-4], e o conjunto de oito composições que fechavam *O Pão e as Rosas* [PR], de 1908, subordinadas ao título "Amôres de Francisco de Assis" [PR: 135-151]: "A Agua"; "Andorinhas"; "O Inverno"; "Sermão ás Aves"; "O Lobo"; "A Pobrêza e as Flores"; "O Roussinol" e "Cântico ao Sol". Vale a pena ler mais uma vez esse cântico como o enunciar de um programa poético da abdicação, isto é, do repouso nessa outra religião que é a Natureza:

#### CANTICO AO SOL

Louvada sêjas, tu, mãe Natureza,  
mãe gloriosa e bela da Belêza,  
— e com tôdas as tuas criaturas —  
pelo irmão senhôr Sol, o mais bondôso  
e gloriôso irmão pelas alturas,  
o verdadeiro, o belo, que alumia  
criando a pura glória — a luz do dia!

Louvada sêjas p'las irmans estrêlas,  
pela irman lua derramando o luar,  
belas, claras irmans silenciosas  
e luminosas e suspensas no ar.

Louvada sêjas p'la irman nuvem que ha de  
dar-nos a fina chuva que consola;  
p'lo céu azul e pela tempestade,

<sup>11</sup> Este livro faz parte da biblioteca de ALV [cota: F-4-2589], e na folha de rosto pode ler-se a seguinte inscrição manuscrita na caligrafia de ALV: "Fizeram comigo a / romaria de Assis. / Affonso./ Veneza, Maio de 1908". Há muitas passagens do livro assinaladas, e outras sublinhadas. No índice são postos em destaque alguns capítulos.

<sup>12</sup> Faz parte da biblioteca de ALV [cota: K-7-1372], na sua 29ª. ed., sd., Paris, da Lib. Fischbacher, e na folha de rosto tem a seguinte inscrição manuscrita na caligrafia de ALV: "Este volume fez comigo / a romaria de Assis, em / Julho de 1908. / Affonso." Este volume, tal como *I Fioretti* [...], referido na nota anterior, está encadernado com um tecido estampado às flores, o que constitui excepção na sua biblioteca, e nos permite interpretá-lo como uma marca da sua especial predilecção por estas duas obras, provavelmente encadernadas em Itália.

p'lo irmão vento que rebrame e rola.

Louvada sêjas pela preciosa,  
bondosa água, irman util e bela,  
que brota humilde, é casta e se oferece  
a tôdo que apetece o gôsto della.

Louvada sêjas pela maravilha  
que rebrilha no lume, irmão ardente,  
tão forte que amanhece a noite escura  
e tão amavel que alumia a gente.

Louvada sêjas pelos teus amôres,  
pela irman madre terra e seus primôres,  
que nos ampara e oferta os seus produtos,  
árvores, frutos, ervas, pão e flôres.

Louvada sêjas pelos que passaram  
os tormentos do mundo dolorosos  
e contentes sorrindo perdoaram;  
pela alegria dos que trabalharam  
e p'la morte serêna dos bondosos.

Louvada sêjas, mãe querida,  
porque és mãe, porque és bela, porque és forte:  
louvada pela irman Vida,  
louvada pela irman Morte.

Não será, aliás, por acaso, que o livro PR termina precisamente com esta composição. Mas, como se isso não chegasse, e porque a sua probidade intelectual assim o exigia, em "Nota" final, ALV transcreve o famoso "Cântico ao Sol", em italiano, atribuído a Jacopone da Todi, e declara-se frontalmente adepto de um certo panteísmo à Espinosa, por encontrar aí aquilo a que chama o *lirismo definitivo*:

O Budha pagão cujo sentimento da Naturêza o aparta para tão longe de todos os dogmas quanto ás aves suas amadas são indiferentes os cardiaes romanos; o mendigo sublime que criou estes versos para sêrem cantados ao ar livre e retribuidos com a promessa de os ouvintes se amarem uns aos outros, está mais vivo do que nunca nas almas religiosas. Nesta crise tremenda da consciência humana, a nossa anciosa simpatividade necessita a arte de que fala Ruskin: — tôda a grande arte é adoração.  
Épopeia da Simpatia, face bela da verdade entrevista pelo dôce judeu português, — não será isto o lirismo definitivo que matará a sêde aos homens dum futuro apenas sonhado por nós? [PR: 157].

ALV continuava, idealisticamente, a acreditar no poder triunfante da arte e das formas naturais como instrumento educativo absoluto, no que não deixava de ser uma substituição e preenchimento pela estética da escala de valores morais e existenciais que a religião tinha preenchido com sucesso durante séculos de satisfatórias respostas às dilacerações humanas.

Em 1911, num capítulo dedicado a três poetas representativos da 'nova geração' — Augusto Gil, ALV e António Patrício — o arguto crítico Veiga Simões propõe a seguinte interpretação sobre a obra de ALV:

Da íntima aliança de Francisco de Assis e John Ruskin, disciplinada pela enternecida disciplina de Spinoza, nasce porventura a nobre e delicada fórmula estética deste poeta, que evoca e ressurgue a figura banhada de luar do velho judeu, — vivendo a poesia das coisas, e sentindo que a própria pessoa se apaga no meio da vida ou se eleva apenas para ser síntese da poesia immanente, dispersa em cada traço — lar amoroso, brando quintal, pedra falante... (Simões, 1911: 174).

Leia-se esta longa citação de ALV como uma manifestação programática, escrita em fins do Outono de 1907, que permitirá compreender o progressivo afastamento dos movimentos mais ortodoxos do seu tempo finissecular, através dum certo refúgio numa estética individualista, fruto dum percurso pessoal em fuga perante as imposições escolares:

Assim queria, meus amigos, que olhasseis as minhas tentativas de técnica como a progressiva evolução dum operário que de há muito ama a sua tarefa com paixão, que acredita que o horizonte do Verso é infinito e que a poesia é o coração da ideia. § Arte que jámais póde envelhecêr desde que o poeta se desimbarace de tudo que tolhêr a livre busca e a expansão do Ritmo — único mestre — e por *arte poética* tiver: — Nada de regras, e viva a sinceridade. [PR: 158-9]

As *Canções do Vento e do Sol* [CVS], de 1911, seguem este percurso, mantendo-se fiéis a uma certa temática franciscana<sup>13</sup>, de que fazem parte as composições inaugurais "Elegia" e "Ressurreição", reunidas sobre o título "A morte das andorinhas" [CVS: 9-18], ou o conjunto designado "Lirismo no meu jardim", formado por "As flores e a horta" e "Pobres" [CVS: 41-6], as sete quadras intituladas "Trabalhar" [CVS: 63-5] e "Irmão Genebro" [CVS: 75-7]. Os motivos da natureza dramaticamente animada e de um Deus justiceiro, que usa "os óculos de Spinoza" [CVS: 15], do trabalho como redenção, dos pobres como presença da natureza na cidade e da dádiva como máxima virtude, continuam a ser forças de sentido estruturantes da leitura do texto, embora a imagem do poeta que se deixa impressa seja já mais a da poética saudosista do que a alegria integradora e contagiante do irmão Rafael de RB:

[...] os poetas, que são poetas porque têm  
nos olhos a recôndita agudeza que vem de fitar o além,  
e de amorosamente contemplarem  
nas coisas que inda são, o que ellas eram [...] [CVS: 11].

É este o caminho que se abre a um ALV adulto, entrado na casa dos 30 anos. Toda a sua maturidade intelectual e poética vai ser passada na procura — busca de um ideal — e na crença — voz de uma nação — dos/nos mitos definidores da pátria portuguesa. Obviamente que Camões seria o grande símbolo desse período em que a reescrita de tudo quanto é português vai ganhar um sentido dominante. Mas outros iriam

<sup>13</sup> Veja-se o comentário de J. Gaspar Simões a este livro e a PR: "[...] De facto, não é de grande riqueza a poesia do cantor de *O Pão e as Rosas* (1908) e das *Canções do Vento e do Sol* (1911), se bem que estes seus dois livros sejam os mais impregnados de frescura e de *élan* entre os que compõe nesta segunda fase da sua obra. O facto de cantar o

começar a desabrochar, nessa outra fase, de inscrição na ancestral voz nacional, provavelmente aqueles que mais improváveis pareciam a esta geração coimbrã de 90, dilacerada herdeira das desilusões dos mestres 'vencidos da vida'. Voltar a encarar a crença religiosa, na distância da análise positivista, não seria talvez um caminho fácil, mas para o percorrer era precisa a coragem de afirmar que se acreditava no que se não via e apenas se pressentia. Isto é, aquilo que estava para além da mãe-natureza como sua justificação original, o segredo do mistério da vida.

3. Assim, quando tudo parecia estar orientado para um determinado tipo de trajecto, do qual a ideia de Deus só esporadicamente fazia parte como uma das harmoniosas vertentes da beleza da vida e do universo, é o próprio trajecto que vai sofrer a visita inesperada do sobrenatural sob a forma do milagre.

No ano de 1917, atravessado por uma I Guerra Mundial de má memória e piores recordações, Portugal vivia um clímax religioso nas visões dos três pastorinhos na Cova da Iria. ALV atravessa várias crises depressivas por esta época e hesita quanto à publicação de um novo livro de versos — *Ilhas de Bruma* — em tempos de tal modo dramáticos que a sua intenção poderia ser mal compreendida:

Publicando êste livro, escrito já durante a Guerra, e por bastante tempo conservado na deleitosa intimidade do inédito, não agradaria ao autor — e quase só para si mesmo êle o diz — que a sua atitude fôsse tomada por lamentável egoísmo de letrado, alheio á Dor da sua época. É que, escrevendo versos — que apenas o são quando fôrem música e sonho — o autor não pretende fazer 'literatura'; obedece ao mando do seu ritmo interior, e só os escreve quando êles 'querem'.

Mas se, porventura, houver neste livro um verso único que ajude a exprimir a Alma Portuguesa, o autor considerará êste pequeno poema, em tal hora vindo, como sendo mais uma afirmação do supremo character da Raça — o Lirismo.

Lisboa, 8 de Abril de 1917.

A. L. V.

Nestas palavras finais entendemos um compromisso com a época em que vivia e lhe provocava sofrimento, mas, sobretudo, uma mudança nítida de registo — a partir de IB a poética de ALV vai procurar dizer a *alma portuguesa*, julgando encontrar aí o segredo do lirismo característico e definidor dos portugueses, numa variação lírica ao saudosismo de Teixeira de Pascoaes. No fundo, respostas várias a uma mesma inquietação da identidade, para a qual a questão religiosa era apenas uma das vias, mas não a solução.

---

vento, a espuma do mar, o sol, a neve, a paisagem e as coisas naturais, traduzindo sentimentos directamente inspirados na vida e na natureza, vitaliza-lhe o verso e anima-lhe a inspiração. [...]" (Simões, 1959: 354).

Para José Agostinho, autor do texto intitulado *A religião e a Arte*, de 1912, a simbiose entre a arte e a religião portuguesas apareceu, nesta época, como uma linha de continuidade natural e de identidade popular há muito assimilada, onde se projectavam, numa outra reverberação espontânea da figura de Jesus Cristo, as figuras de santos, como S. Francisco ou St.º António:

Assim Portugal é cristão por pendor proprio e por lógica intelligencia do que deve ao Cristianismo: a autonomia, a gloria, a fecundização das suas qualidades nativas, a atenuação dos seus defeitos de contemplativo e, ao mesmo tempo, de naturista como o clima lho indicaria com paixão.

Mas, neste cristianismo, tão radicado e lógico, tão incoercivelmente amigo da liberdade, veio ainda depositar um novo e grande influxo o espirito das ideias franciscanas. Espirito como que divino!

S. Francisco de Assis é, depois de Jesus-Cristo, talvez o melhor dos apóstolos cristãos. Ninguém se aproximou tanto do Divino Mestre, nas palavras e nos atos; ninguém, como o Patriarca admiravel, pôs em pratica, dentro de verdadeiros prodigios, e com tão profundo entendimento e sentimento, as doutrinas imortaes do Evangelho. Defensor das liberdades individuaes e comunaes contra o feudalismo, criador do socorro mutuo, paladino do naturalismo superior que, na Natureza, vê uma obra sublime e tocante a Deus: purificador dos costumes, sugestor da serena alegria dos justos, da religiosidade que, muito profunda, não condena o crente ás tristezas trigulares, S. Francisco de Assis teve, em Santo Antonio de Lisboa, um dos mais ardentes e prestigiosos filhos.

O illustre franciscano português influiu poderosamente no entranhado cristianismo dos seus compatriotas. Demonstram-no a sua popularidade, o que contam dos seus milagres todos os dias, as festividades tocantes que em todo o paiz lhe consagramos. Mas como não seria assim? Santo Antonio, além de português, era puro franciscano e o espirito do Santo d'Assis tem intimos pontos de contacto com os pendores nativos da raça portugêsa.

Assim, a nossa Arte mais ficou devendo á Religião Cristã, logo que tivemos esta muito vivificada pelo franciscanismo. A Poesia foi a manifestação artistica que mais se ressentiu em Portugal dessa nova e generosa corrente. (Agostinho, 1912: 124).

A acreditarmos nas palavras de Costa Brochado, por esta época terá também ALV presenciado o *milagre do Sol*. Leia-se o relato (ficcionalizado?) do acontecimento, testemunhado por ALV, feito pelo historiador no livro *As aparições de Fátima*:

Temos o precioso depoimento do grande Poeta Afonso Lopes Vieira, que, encontrando-se com a família, em sua casa de S. Pedro de Muel, a 50 quilómetros de Fátima, foi surpreendido, na varanda onde trabalhava, ao meio dia de 13 de Outubro de 1917, com os espantosos fenómenos solares àquela hora desenrolados na Cova da Iria, descendo ao terreiro, entusiasmado, chamando sua esposa e sogra, com a mais viva emoção:

— Depressa! depressa! Venham ver, venham ver!

O Poeta contava este facto aos seus íntimos, com profunda convicção, e sua viúva, Sr.ª D. Helena Aboim Lopes Vieira, confirmou-o, agora, explicando que tendo seguido à pressa o Poeta até á varanda, com as demais pessoas presentes, daí observaram o maravilhoso espectáculo que depois souberam ter-se produzido na Cova da Iria. (Brochado, 1952).

Se tudo se passou como este relato dá a entender, ALV não era homem nem poeta para racionalizar, isto é, reduzir à sua dimensão de fenómeno explicável e arrumável nas gavetas do raciocínio um milagre da fé. A aceitação desse mistério — nem completamente invisível, nem totalmente compreensível — apaziguou ALV com o inefável da sua poesia, deixando-o cada vez mais livre para poder usar e falar da utilização que fazia da *intuição*. Com a mesma intuição, ALV aceita o mistério de Deus

e o mistério da Poesia, tomando como sua a missão de dizer poeticamente a alma de Portugal, revelando publicamente a sua devoção religiosa. É ainda Costa Brochado quem testemunha essa mudança apreciável, num homem que foi espelho do seu século, de agnóstico ou anarquista, em confronto com a figura de um impotente Jesus Cristo, em *servitas* de uma causa religiosa defendida soberanamente com a singela força da fé e da intuição religiosas:

Quanto ao Poeta Afonso Lopes Vieira, a sua fé em Fátima tornara-se absoluta, radicando-se-lhe tal convicção do carácter sobrenatural das aparições que o seu espírito até aí vazio de crenças se devotou profundamente a Nossa senhora de Fátima. De tal forma, que veio a ser servita na Cova da Iria, muitas vezes pegando à maca dos doentes, tendo tido como par, numa delas, o Dr. Trindade Coelho, embaixador de Portugal junto da Santa Sé, com quem também noutro dia, pegou no andor de Nossa Senhora, durante uma procissão no santuário, conforme se vê em fotografias da época. O grande Poeta para quem Fátima era uma realidade sobrenatural, acabou por erguer, em sua casa de S. Pedro de Muel, uma linda capelinha consagrada a Nossa Senhora de Fátima, e concebeu os inspirados versos do Ave de Fátima que enchem a Cova da Iria em dias de peregrinação. (Brochado, 1952).

Efectivamente, a referida capelinha é inaugurada em 1929 e alguma da correspondência particular de ALV com os seus amigos mais íntimos versa a preparação da festa de inauguração, durante a qual se celebraram casamentos de populares naturais da povoação de S. Pedro de Moel, bem como baptizados de crianças fruto dessas ligações naturais. No espólio da BML encontra-se, inclusivamente, a pauta de Viana da Mota que terá servido no próprio dia da inauguração, que contou com as honras da missa oficiada pelo Bispo de Leiria. Provavelmente para esse mesmo dia terá ALV escrito a letra "Para o Ave de Fátima", cujo manuscrito original, com emendas, pertenceu à Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Helena Barradas e se encontra presentemente guardado em Fátima. A composição poética, datada de Agosto de 1929 e assinada *um servita*, parte de uma situação descritiva da aparição original de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima aos pastorinhos, para evoluir para uma devoção religiosa e patriótica *Àquela que salvou Portugal*:

#### PARA O AVE DE FÁTIMA

A TREZE de Maio,  
na Cova da Iria,  
apar'ceu, brilhando,  
a Virgem Maria.  
AVE

A Virgem Maria,  
cercada de luz,  
nossa Mãe bem dita  
e Mãe de JESUS.  
AVE

O mundo sofria;  
Portugal ferido  
sangrava e gemia.

#### AVE

Foi aos pastorinhos  
q. a Virgem falou.  
Desde então nas almas  
nova Luz brilhou.  
AVE

Com doces palavras  
mandou-nos rezar,  
a Virgem Maria  
para nos salvar!  
AVE

Achou logo a Pátria  
remédio a seu mal.  
E a Virgem bem dita

Salvou Portugal!  
AVE

Mas jamais esqueçam  
os bons corações  
q. nos fez a Virgem  
determinações,  
Falou contra o luxo,  
contra o impudor,  
de imodestas modas  
de uso pecador.  
Disse q. a pureza  
é querida a Jesus,  
disse q. a luxúria  
ao fogo conduz.  
A treze de Outubro  
disse-nos a Luz  
e a Virgem Maria  
escuta nos céus.  
AVE

Á Pátria q. é vossa,  
dai Honra, Alegria  
e Graça de Deus  
AVE

Á Virgem bem dita  
cante seu louvor  
toda a nossa terra  
num hino de Amor  
AVE

Todo o mundo A louve  
para se salvar,  
desde o vale ao monte,  
desde o monte ao mar.  
AVE

Já por todo o mundo  
se ama o nome Seu  
Portugal a Cristo  
tantas almas deu.  
AVE

Oh, demos-lhe graças  
por nos dar seu Bem,  
à Virgem Maria,  
nossa qu'rida Mãe!  
AVE

E para pagarmos  
tal graça e favor,  
tenham nossas almas  
só bondade e Amor.  
AVE

Ave, Virgem Santa,  
'strêla q. nos guia!  
Ave, Mãe da Pátria,  
Oh Virgem Maria!  
AVE

**3.1.** Esta época da vida de ALV deve ter correspondido a uma intensa vivência religiosa que não podia deixar de influenciar a sua obra literária. Assim, em 1931, de colaboração com o polémico músico Ruy Coelho, ALV escreve a letra para a Oratória *Fátima*[FO], num reconto poético da aparição de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima aos três pastorinhos. Na cena I do 1.º Quadro, num *alegreto pastoril*, um velho pastor conta o ambiente pastoril em que se deu a aparição e a reacção de admiração e maravilhamento dos pastorinhos. Na cena II, *moderato*, os três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, reagem directa e efusivamente aos prenúncios da maravilhosa aparição, com cuidados de pastores sensatos:

Oh! que Luz que além brilha. Ou coisa de maravilha!  
Levemos o nosso gado, que o ar turbado tormenta anuncia.  
Valha-nos Santa Maria, Santa Maria, Santa Maria.

Na cena III, é Lúcia quem descreve o estranho fenómeno da aparição com as seguintes palavras:

Ai, manos, como a Luz cresce!  
até parece que ao pé dela a terra toda se alvorece,  
e o Céu em roda se abre e desce!

Na cena IV, a Virgem fala aos pastorinhos, adverte-os de que foram os escolhidos para transmitir a boa nova ao povo, revela que novas aparições se voltarão a fazer no futuro, e transmite-lhes a sua mensagem divina:

Escutai-me, pastorinhos, pastorinhos todos três,  
que eu desci do azul dos ceus para falar com vocês.  
Ai que dor; que dor que por êsse mundo vai!  
Jesus é o Pai Salvador  
eu, Maria, sou o Amor.  
Digam ao povo por aí que eu vim livrá-lo do mal,  
que seja bom, e que reze, p'la terra de Portugal.  
Nos cinco meses chegados, a treze de cada mês,  
voltem aqui, pastorinhos, p'ra eu falar com vocês.  
Ai que dor; que dor que por êsse mundo vai!  
Jesus é o Pai Salvador  
Eu, Maria, sou o Amor!  
Ave Maria cheia de Graça, Ave, Ave, Ave Maria.

No 2.º Quadro, cena V, num novo *alegreto*, o mesmo velho pastor volta a servir de narrador, fazendo a ligação entre a última cena e a sequência dos acontecimentos que conduz os pastorinhos a nova aparição, dada através da cena VI, uma contemplação, *muito moderato e muito expressivo*, e ao primeiro confronto, na cena VII, com a voz do povo que interroga os meninos:

Pois vós que tendes, meninos? que tão pasmados estaes?  
Houvestes casos mofinos? Perdestes los animaes?  
Pois vós que tendes meninos? que tão pasmados estaes?

Segue-se a cena VIII, num *andante muito calmo*, com novo terceto dos pastorinhos, com uma descrição, pelos seus olhos de inocentes meninos, da fulgurante aparição da senhora de maravilha. O povo reage imediatamente, na cena IX, dando graças a Deus e à Virgem e reconhecendo espontaneamente o milagre. Lúcia faz novas revelações na cena X, a que o povo responde na cena seguinte, pedindo aos pastores toda a revelação sobre os sinais divinos. No terceto da cena XIII, os pastores revelam tudo o que sabem, a verdade de que foram portadores:

Lúcia:  
C'uma voz de claridade e um geito tambem de dor,  
Recomendou-nos Bondade, disse-nos que era o Amor.

Coro:  
Oh! Virgem bendita e bela! Rosa! Graça! Luz! Estrêla!

Lúcia:  
Trazia um manto caído, nas mãos rosário de luz,  
e por baixo do vestido os seus pés brilhavam nus.

Coro:  
Oh! Virgem bendita e bela! Rosa! Graça! Luz! Estrêla!

Lúcia:  
Disse que a salvar-nos vinha de todo o mal;  
e na luz dos olhos tinha o amor de Portugal.  
Vimo-la, ouvimo-la agora.

Era uma Luz doce e airosa  
 e disse-nos p'ra voltar.  
 Ah! se vissem a Senhora assim tão lhana  
 e formosa que vem para nos salvar!

O 3.º Quadro inicia-se com o velho pastor, que dá conta de como a boa nova se espalhou e o culto da Virgem se desenvolveu por todo o Portugal. Na cena XIV o povo canta a caminho de Fátima as excelências da Senhora e da terra onde apareceu, numa antecipação, em *andante*, do *alegre festivo* da cena XV que representa a romaria de peregrinação:

A Virgem gloriosa para nos livrar do mal por seis vezes aparecia  
 'humana e divina rosa', na terra de Portugal, terra de Santa Maria.  
 terra de pinhais e ondas, vergel que o sol amacia,  
 terra bela, terra nossa, terra da Cova da Iria  
 terra bela, terra nossa, terra da Cova da Iria!

No 4.º Quadro, a introdução histórica faz referência à evolução do culto e às peregrinações ao lugar santo, a que se segue a cena XVII com os peregrinos a pedir à Sr.ª de Fátima uma intervenção, pedido a que ela responde na cena XIX:

Os Peregrinos:

Ó Senhora do Rosário que apar'ceste aos pastores em santo dia,  
 Ó Senhora do Rosário tende piedade das dores.  
 Ave Maria! Ave Maria!  
 Ó Senhora do Rosário que em Fátima vos mostrais  
 vêde a lástima dos corpos na agonia dos corpos que são só ais!  
 Ó Senhora do Rosário Ave Maria Ave! Maria!  
 Ó Senhora do Rosário que em Fátima dais o Amor e a alegria,  
 vêde a lástima das almas, d'almas que são um horror!  
 Ó Senhora do Rosário, Ave Maria!  
 Êste mundo é uma chaga que s'abriu, tanta dor  
 como a que alaga o mundo nunca se viu!  
 Por sobr'esta horrível chaga,  
 Ó Virgem Pura, Ave Maria!  
 Ó Virgem Pura, Ponde o sorriso que afaga, que nos cura ou alivia!

A Virgem:

Quando vê sofrer os filhos a mãe inda sofre mais.  
 eu sou a Mãe que trespassam sete espadas, quantos ais!  
 Ai que dor, que dor, que dor, que por êsse mundo vai!  
 Jesus é o Pai salvador,  
 eu, Maria, sou o Amor.

O 5.º e último Quadro é constituído por um *prelúdio* e pela final cena XXI, com a procissão das velas.

O êxito alcançado por esta oratória junto do público justifica que, ainda no mesmo ano de 1931, ALV tenha recebido uma proposta da "Comissão d'Iniciativa de Fátima" e

da Comissão Nacional de Turismo, no sentido de fazer um filme sonoro sobre Fátima<sup>14</sup>. No espólio da BML encontra-se o envelope B113, nº. 6815, com o que julgamos ser o Guião para esse filme, constituído por 22 fs. dactilografadas, furadas e agarradas com um cordel azul, (21,5cm + 27,5cm), intituladas "*FÁTIMA / Coordenação cinematográfica de / Afonso Lopes Vieira*", n.d., escritas só da frente, na grande maioria a tinta preta, mas algumas com emendas a tinta roxa. O dactiloscrito prevê a utilização da música de Ruy Coelho de FO e, numa ou outra ocasião, dos versos de FO. A confirmarem-se estas nossas suposições, o projecto esteve muito mais adiantado do que se terá imaginado, e só uma investigação mais aprofundada poderá revelar os meandros do seu abandono.

Pouco ou nada se sabe do rumo que teriam levado o pedido e esta proposta<sup>15</sup>, mas é mais uma prova do valor de crítico e autoridade que ALV tinha então alcançado na "sétima arte", e da vontade que tinha de se iniciar em todas as técnicas que pudessem conduzir à arte, permitindo ao mesmo tempo uma transposição artística do real e a sua dimensão formativa e educativa.

Ainda do pródigo ano de 31 em termos religiosos, é um artigo escrito por ALV para a revista mensal *Rosas de Santa Teresinha*, intitulado "Santa Teresinha, Poetisa", perdido entre os muitos dispersos da sua bibliografia, onde o autor investiga a esquecida figura da santa francesa — Santa Teresa do Menino Jesus (1873-1897) — lembrando-a através de uma evocação literária, feita pelo Pe. Manuel Bernardes para uma outra carmelita, Ana de Santo Agostinho. Trata-se de um episódio em que o encontro de Teresa, menina, com Jesus, também menino, evoca um espírito de religiosidade franciscana, em que o amor divino se torna possível e adquire a sua dimensão mais alta na simples adoração das simples coisas e dos prazeres mais naturais. No entanto, para nós, o maior interesse desta evocação de uma santa reside na insistência com que é referida a obra poética e de devoção religiosa escrita por St.<sup>a</sup> Teresinha (diminutivo pelo qual ficou conhecida em Portugal), numa aproximação dos discursos poéticos e religiosos também patente na anteriormente analisada fase franciscanista de ALV.

Leiam-se os dois exemplos aduzidos por ALV nesse artigo, um retirado de um mistério de Natal intitulado *Pobrinho de pedir, recreação piedosa* em que St.<sup>a</sup> Teresinha interpretou os sentimentos das almas e das coisas perante o nascimento de

---

<sup>14</sup> Vd. BML, *Cartas [...]*, vol. XI, onde a proposta aparece, mas cuja sequência desconhecemos.

<sup>15</sup> Em carta a Antero de Figueiredo, datada de 31 de Janeiro de 1943, ALV faz algumas confidências sobre Fátima, onde se pode descortinar uma ponta deste intrincado véu: "[...] Todas estas tristes coisas provêm de influências mediocres q. têm ganhado poder junto do Bispo de Leiria. Foram elas q. inutilizaram cruelmente o meu plano de filme de Fátima, q. chegou a ter a plena aprovação episcopal, e em q. eu pus como condição essencial não receber a menor quantia! Que desilusão! [...]" [BMP, M-AF-4].

Jesus; e o outro na composição intitulada *Rosa desfolhada*, onde exprime o anseio da morte gloriosa de amor e por amor de Jesus:

Vous savez que tout enfant  
Préfère un gâteau brillant  
À la gloire d'un empire.  
Offrez donc au Roi des cieux  
Un gâteau délicieux,

Et vous le verrez sourire.

Savez-vous, du Roi desd rois,  
Quel est le gâteau de choix?  
C'est la prompte obéissance!  
Votre Époux vous ravissez,  
Lorsque vous obéissez,  
Comme lui, dans son enfance. [ALV, 1931a: 4]

Seigneur, sur vous autels plus d'une fraiche rose  
Aime à briller;  
Elle se donne à toi, mais je rêve autre chose:  
C'est m'effeuiller...

La rose en son éclat peut embellir la fête,  
Aimable Enfant!  
Mais la rose effeuillée, on l'oublie, on la jette  
Au gré du vent...  
La rose, en s'effeuillant, sans rechercher se donne  
Pour n'être plus.  
Comme elle, avec bonheur, à toi je m'abandonne,  
Petit Jesus!

Pour toi je dois mourrir, Jésus, beauté suprême,  
Oh! quel bonheur!  
Je veux en m'effeuillant te prouver que je t'aime  
De tout mon coeur.

Sous tes pas enfantins je veux avec mystère  
Vivre ici-bas;  
Et je voudrais encore adoucir au Calvaire  
Tes derniers pas... [*idem, ibidem*]

O exemplo da Santa é, ainda, um subterfúgio para esse outro dominante amor de ALV, a poesia e a escrita literária. A relação com o divino continua a ser, para este autor, uma porta aberta de comunicação com os homens excepcionais, naquilo que os tornou distintos dos outros e os fez chegar a um estágio de pureza original para o qual as manifestações poéticas parecem ter contribuído de algum modo.

**3.2.** Será, sem dúvida, na continuação deste fervor pelos homens da religião, exemplos vivos da humana propensão para um estado superior de despossessão franciscana — naquilo que podemos ler como a imagem mais abrangente que ALV teve

do verbo e da revelação divina, tal como neles acreditou — que a figura de um outro Santo, também português, se tornará tão importante em 1932.

Trata-se de Santo António, figura cujos passos terrenos ALV fará questão de seguir nesse ano em que as autoridades civis e eclesiásticas comemoraram o centenário do Santo. Assim, calcorreando os lugares de Lisboa e de Coimbra que Fernando de Bulhões (nome laico do santo, tanto quanto a investigação pôde apurar) percorreu, e embrenhando-se em Itália, de Pádua a Assis, numa segunda romagem por Itália<sup>16</sup>, ALV vai escrevendo várias crónicas de viagem que envia para o *Diário de Lisboa*, e que acabaram por constituir o volume *Santo António — Jornada do Centenário* [SAJC], de 1932<sup>17</sup>.

No Prefácio, onde refere os preceitos de investigação histórica que lhe nortearam o caminho e o fizeram compulsar fontes diversas, desde a bibliografia essencial de Luciano Roure à *Legenda Prima* transcrita por Alexandre Herculano nos seus *Portugaliae Monumenta Historica*, passando pelo *sentimento das paisagens* que nunca deixou de falar à sua alma de poeta, ALV confrontava-se com uma auto-imagem de escritor, não de devoções religiosas, mas de crente cujo inusitado pendor para as figuras de santos o deixava à mercê das más interpretações, tanto de católicos como de ateus:

Nestas fôlhas de viagem, enviadas de caminho ao "Diário de Notícias", de Lisboa, fui seguindo o percurso que a *Legenda* assinala como tendo sido o do Santo português, do berço ao túmulo, de Lisboa a Pádua. É esta a razão porque as reúno em livro — um pouco restauradas da pressa que as circunstâncias impunham — a razão de uma jornada que ainda não fôra empreendida e, todavia, foi o aventuroso roteiro que o mais universal dos Portugueses seguiu na Idade-Média, através de dores e a caminho da glória.

Também a *Legenda prima* me serviu para ir contando a vida de Santo António, reduzida a êsses poucos factos, a tam escassas certezas, e desprovida do prestígio sobrenatural dos milagres. Assim veio a compor-se um livro que mal poderá contentar alguém. A estes há-de parecer mais outra acção reaccionária de nacionalismo convicto. Afigurar-se há àqueles uma obra imprudente e sem devoção.

Para mim é, apenas, um livro imperfeitíssimo e, para o desculpar, hei-de ver nêlo um diário de viagem espiritual, que tem por vezes a animá-lo o ritmo dos caminhos percorridos e das gentes encontradas.

<sup>16</sup> A 1ª. romagem a Itália tinha sido em 1908, a quase 30 anos de distância, e tinha dado como resultado directo as obras PR (1908) e RB (1911). Vejam-se as palavras de Mourão-Ferreira, que considera esta faceta da obra de ALV como mais um aspecto da sua dinâmica acção cultural: "[...] O próprio ângulo que escolhia ao celebrar alguns [mortos] constituía já prova de invenção para ainda os tornar mais vivos; e, do mesmo passo, suplementar processo para fazer mais aliciente a acção cultural que, através deles, pretendia exercer. Assim aconteceu, nomeadamente, com a 'jornada' que idealizou e pôs em prática a fim de pessoalissimamente comemorar o centenário de Santo António. Nem mais nem menos do que isto: seguir as pisadas do próprio Santo, com o maior escrúpulo de reconstituição histórica e geográfica, desde o largo de Lisboa 'onde a sua capela se levanta', e a tradição afirma que veio ao mundo, até ao oratório da Arcella, em Pádua, onde exalou o último suspiro, com escalas em Coimbra e no Norte de África, na Sicília e em Roma, em Assis e no ermo de Camposampiero. Desta 'jornada' foi fazendo então, arvorado em repórter do humano e do sagrado, o relato minucioso a que davam abrigo, lanço após lanço, as páginas lisboetas do *Diário de Notícias*. Seguidamente, ei-lo que tratou de enfaixar a reportagem toda num voluminho do mais requintado gosto gráfico, como geralmente fazia para quanto dava à estampa. E isto sem renunciar às sugestões do mais puro espírito franciscano. [...]" (Mourão-Ferreira, 1979b: 116-7).

<sup>17</sup> Este livro encontrava-se já em projecto desde 1923, uma vez que num postal, datado de 31 de Janeiro de 1923, para Carolina Michaelis de Vasconcelos, ALV comenta: "[...] Para me isolar misticamente no trabalho, agora q. me falta o Amadis, vou começar a trabalhar (a preparar-me) numa Vida de Santo Antonio — o Amadis ao divino. [...]" [BGUC, esp. CMV]

Vivi-o no movimento dos combóios e dos navios, e fui-o escrevendo em mesas de quartos de hotel, com as janelas abertas para as paisagens, que eu quisera me houvessem ditado o que elas próprias continham.

Escrevi-o, sobretudo, por devoção *nacional*, e é por isso, talvez, que o estimo um pouco, como testemunho e lembrança de que no centenário do Santo nacional esteve presente em Pádua — um português. [SAJC: XVIII-XX].

Efectivamente, ALV estava destinado a ser fatalmente mal entendido. Na BML, no vol. XI das *Cartas [...]*, há uma carta de Agostinho de Campos, datada de 18 de Julho de 1931, onde se pode ler uma confirmação desta premonição:

[...] A sua jornada antonina foi, sem nenhuma nota discordante, tocada a expressão de poesia e de gosto que V. põe em tudo quanto concebe, organiza ou faz. Não percebo que reticências o nosso catolicismo, que aliás já vai comendo menos presunto, tenha entendido apresentar. [...]. [BML, *Cartas [...]*, vol. XI].

Na verdade, numa recensão crítica de *Santo António*, na revista *Brotéria*, Domingos Maurício tecia alguns elogios à benemérita divulgação de ALV, em *lição viva*, mas não podia deixar de registar um ponto de desacordo da ortodoxia católica: "[...] Um ponto em que não posso conformar-me com o Snr. ALV é que acoime de *mau* filho S. António, por ter deixado a casa materna para seguir o destino a que Deus o chamou (Págs. 205). Pequeno lunar ou desafinação entre tão lindas e maviosas páginas..." (Maurício, 1932: 398). Mesmo quando versava um assunto religioso, ALV não conseguia afastar-se do seu terreno espírito de filho único e amado, incapaz de pensar em abandonar a casa paterna, ainda que por chamamento divino.

**3. 3.** Preparatório é um adjectivo adequado para *Santo António* [SA], texto inédito ao qual não podemos, com propriedade, chamar conferência, tanto mais que poucos ou nenhuns dados sobre ele conseguimos reunir, exceptuando os referidos no próprio enunciado. Trata-se de um conjunto constituído por 64 folhas soltas, manuscritas, com as dimensões aproximadas de 22,5 x 16,8 cm, numeradas no canto superior direito, todas escritas só da parte da frente, a tinta preta, e com diversas emendas, autógrafas de ALV, na mesma tinta, ou a lápis, lápis azul, ocasionalmente lápis roxo ou castanho. Aí surge claramente o ano de 1931 e as comemorações dos sete séculos sobre a morte de St.º António, ocorrida em 13 de Junho de 1231. Este texto foi provavelmente pronunciado durante o mês de Maio de 1931, a julgar pelo adjectivo "próximo" que se antepõe ao mês de Junho [SA: 2]. Esta informação deve relacionar-se com um convite enviado pelo cardial patriarca a ALV para fazer uma conferência nas festas comemorativas do centenário de Santo António, de 10 a 12 de Junho de 1931, como se pode ler no vol. XI das *Cartas [...]*.

Também esta conferência deve ter tido um êxito seguro, sobretudo perante o público feminino, é o que se pode deduzir da informação recolhida de uma carta inédita de ALV para Antero de Figueiredo, datada de 30 de Abril de 1931, onde se lê:

[...] Quanto à conferência de Santo António, de modo algum posso — e com pena minha — comprometer-me a ir lê-la aí. Na segunda quinzena de Maio devo partir para a Itália, e as preocupações da viagem (e sobre-tudo outras) tiram-me a disposição conveniente. — Peço-lhe comunique isto mesmo às amáveis e ilustres Senhoras da *Liga*, a quem respeitosa e cumprimentamente. [...] [BMP, M-AF-4].

Obviamente que o texto de SA se liga ao volume *Santo António. Jornada do Centenário* [SAJC], provavelmente antecipando-o. Parece-nos verosímil que este manuscrito tenha correspondido a uma primeira versão da obra referida, tanto mais que algumas Crónicas, e mesmo o Prefácio, retomam e desenvolvem partes aqui referidas de um modo sintético. O próprio descosimento sintáctico do manuscrito pode evidenciar uma primeira pesquisa temática por diversas áreas, posteriormente retocadas no volume de 1932, com as impressões da romagem no seu evoluir quotidiano.

Neste SA podemos encontrar uma parte introdutória em que se fala do Santo, das comemorações e da sua dupla designação [SA: 1-8]. A seguir há uma parte em que se desenvolve a devoção portuguesa por St.º António e se comentam os moldes em que esse culto se fixou [SA: 9-15]. Expõe-se depois o que se conhece sobre a figura do Santo enquanto herói nas guerras nacionais [SA: 16-24]. A parte central, e também a mais longa, é a que reúne criticamente os dados sobre a vida histórica do Santo, tentando libertar esta figura das lendas [SA: 24- 51]. E, finalmente, o epílogo, onde se discorre sobre o "misticismo antoniano" [SA: 52-64], para chegar à conclusão do valor acrescido que este "Filho de Portugal" deve trazer à sua pátria de origem. Neste manuscrito sente-se essa mesma fé, de quem acredita profundamente, e procura "o milagre de nos tornar bons Portugueses" [SAJC: 236]. O quinhão apostólico de ALV fica demonstrado na vontade de divulgar um "espírito de Lusitanidade" [SA: 64], restituindo a St.º António a sua costela de português.

Comparando esta estrutura com a de SAJC, rapidamente nos apercebemos da maior profundidade daquela no que diz respeito ao refazer do percurso histórico de St.º António, mais do que tudo o resto. E a última crónica, "A Glória do Centenário" [SAJC: 217-236], não deixa de ser uma interessante reflexão em que a transfiguração de ALV como representante cultural do espírito português mais não é, afinal, do que "uma grande jornada espiritual que no amor da Pátria se inspirou" [SAJC: 218]. O que, se não faz de ALV um santo, lhe assegura, pelo menos, a denominação de paladino de Portugal.

4. Roger Garaudy, no seu inquietante estudo *Será que precisamos de Deus?* (1993), procura encontrar o ponto de viragem em que o Ocidente substituiu Deus pelo Homem, entrando assim numa lógica outra, a da onnipotência humana:

Esta pergunta nunca se pôs, em nenhum ponto do mundo, porque as religiões, todas as religiões e todas as sabedorias, ensinavam ao homem as suas origens e os fins últimos da sua vida.

Todavia, na Europa, e só a partir do século XVI, apareceu a pretensão do homem de gerir o mundo em vez de Deus.

Esse homem sonhou com uma outra felicidade: tornar-se dono e possuidor da natureza através de uma ciência e de uma técnica que lhe davam também poder sobre os outros homens, sobre todos os continentes do planeta.

Este desejo de poder, de abundância e de crescimento, nos séculos XVIII e XIX, teve a esperança de satisfazer-se indefinidamente. Este provisório triunfo — a que multidões foram sacrificadas — foi apelidado de "progresso" pelos abastados e seus ideólogos.

Na primeira metade do século XX, a grande crise de 1929 e duas guerras mundiais puseram em questão esse optimismo.

Nasceram então, de Heidegger a Sartre, e depois a Foucault, as ideologias sem esperança do nada e do absurdo, depois da morte do homem após a de Deus. (Garaudy, 1995: 12).

Se ALV foi um actuante e determinante homem de cultura do seu tempo, como a sua obra indica, então também não podia fugir às determinações de uma época que pagou caro por todas as anteriores e construídas ilusões humanas de auto-suficiência. O encontro que julgamos ter tido com Deus, ou, pelo menos, com uma manifestação do sobrenatural, marcou ALV profundamente e transformou o seu modo de estar e de se afirmar publicamente enquanto servidor de uma religião. No entanto, a ambição de ser por todos compreendido vira-se muitas vezes contra o próprio autor, e ALV foi talvez uma das figuras literárias da 1.<sup>a</sup> metade do séc. XX que mais sofreu com as inconstâncias ideológicas e religiosas que atravessaram a sua época, fazendo oscilar as interpretações críticas de que foi alvo — dos elogios mais rasgados às críticas mais severas. Idêntico panorama podemos encontrar na sua relação com Deus e com a religião: da pose laudatória ao sarcasmo cruel, tudo sofreu a sua dignidade de *servitas* de Fátima.

Iniciando a vida literária e social num ambiente de revolução republicana e de algum anti-clericalismo, a obra da juventude de ALV reflecte uma inquietação metafísica e ontológica que transforma a figura de Jesus Cristo em responsável directo por um diálogo frustrado entre a humana dor e a divindade impotente, como vimos em CN.

O caminho da maturidade será também um trilho de soluções variadas, entre as quais a do abraço maternal da mãe-natureza, numa comunhão e aceitação dos pequenos nada da vida e do quotidiano, presente em obras adultas como AL, PR, RB ou CVS,

que acaba por evoluir para um encontro de uma poética mais pessoalizada em que o amor das coisas portuguesas se torna determinante.

Só uma revelação do tamanho do *milagre do sol* poderia fazer ALV inscrever-se deliberada, consciente e abertamente numa vertente religiosa da literatura, onde até aí apenas tinha tocado, mas sem nunca a tomar como única opção estética. Esta fase, a que podemos chamar a fase religiosa da obra de ALV, atingiu o seu clímax nos anos que medeiam entre 1929 e 1932, anos em que os textos de cariz religioso tiveram um peso considerável na produção do autor.

Apaziguado, assim o encontramos no fim deste percurso que pretendeu refazer-nos uma imagem de um ALV crente e pedagogicamente empenhado nos cultos de uma religião que serve um Deus capaz de falar às criaturas terrenas — as inocentes crianças — e de lhes mostrar um caminho de fé e de crença em Portugal. Apaziguado em Deus, ALV podia continuar a dizer o seu eterno Portugal, metáfora da sua alma de *servita* sincero e de bom português, nos muitos e empenhados préstimos prestados a Deus e à Pátria portuguesa.

**Cristina Nobre.**

S. Pedro de Moel, Fevereiro-Março de 2001.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Agostinho**, José, (1912) *A religião e a Arte*, casa ed. de A. Figueirinhas, Porto, col. "Sciencia, Arte, Religião e Pedagogia".
- Barros**, João de, (1905) "Livros. Affonso Lopes Vieira — *O Encoberto* — Tavares Cardoso, Ed. — 1905. Lisboa." in *Arte & Vida*, 1905, p. 312.
- Brochado**, Costa, (1952) *As Aparições de Fátima*, Portugalíia ed., Lx.
- Campos**, Agostinho de, (1925) (org. e pref.) *Afonso Lopes Vieira (Verso e Prosa)*, "Antologia Portuguesa", Lvr. Aillaud & Bertrand, Lx.
- Castro**, Aníbal Pinto de, (1979) *Coimbra no pensamento e na obra de Afonso Lopes Vieira*, Separata do *Arquivo Coimbrão*, vol. XXVII-XXVIII.
- Garaudy**, Roger, (1995) *Será que precisamos de Deus?*, trad. de António J. Pinto Ribeiro, ed. C. de Leitores, s.l.
- IN** (1947), *Afonso Lopes Vieira. 1878-1946. In Memoriam*, Livr. Sá da Costa ed., Lx., 25 de Jan. de 1947.
- Mourão-Ferreira**, David, (1979) "Dois textos sobre Afonso Lopes Vieira" in *Lâmpadas no escuro — de Herculano a Torga — ensaios*, ed. Arcádia, Lx., pp. 103-38.
- Pascoaes**, Teixeira de, (1919) *Os Poetas Lusíadas*, "Conferências realizadas no Institut de Estudis Catalans da Cidade de Barcelona, em Junho de 1918", tip. Costa Carregal, Porto.
- Pereira**, José Carlos Seabra, (1979) "O *Conto do Natal* de um Lopes Vieira quase esquecido" in *Do Fim-de-século ao tempo de Orfeu*, Liv. Almedina, Coimbra, pp. 73-86.
- Ribeiro**, Aquilino, [1949] "Afonso Lopes Vieira e a Evolução do seu Pensamento" in *Camões, Camilo, Eça e alguns mais. Ensaios de crítica histórico-literária*, Livr. Bertrand, Lx., 3ª ed., sd., [1949], pp. 271-335.
- Simões**, João Gaspar, (1959) "O Renascimento Nacionalista. 2) Fase esteticista: Afonso Lopes Vieira e o Saudosismo Arcaizante" in *História da Poesia Portuguesa do século vinte*. Acompanhada de uma antologia, des. de Bernardo Marques, Empresa Nacional de Publicidade, Lx., pp. 351-6.
- Simões**, Veiga, (1911) *A Nova Geração*, "Estudo sobre as tendências actuaes da literatura portuguesa", ed. França Amado, Coimbra.

- Vieira**, Afonso Lopes [ALV], (1987) [PQ?] *PARA QUÊ?*, *Livro Escripto por Affonso Lopes-Vieira*, ed. F. França Amado, Coimbra.
- , (1898) [NVL] *NÁUFRAGO. VERSOS LUSITANOS de Affonso Lopes-Vieira*, ed. Parceria A. M. Pereira, Lx.
- , (1900) [MA] *O MEU ADEUS*, Typographia da Companhia Nacional Editora, Lx.
- , (1901) [PS] *O Poeta Saudade*, F. França Amado ed., Coimbra.
- , (1903) [MHP] *MARQUES (Historia d'um perseguido)*, ed. Tav. Card. & Irmão, Lx.
- , (1904) [PE] *POESIAS ESCOLHIDAS — 1898-1902*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- , (1905) [CN] *Conto do Natal*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- , (1905) [OE] *O ENCOBERTO*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- , (1906) [AL] *AR LIVRE*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- , (1908) [PR] *O Pão e as Rosas*, ed. Liv. Ferreira, Lx.
- , (1911) [CVS] *CANÇÕES DO VENTO E DO SOL*, typ. "A Editora", Lx. (1.ª ed.) — 1967, *Canções do Vento e do Sol*, Parc. A. M. Pereira, Lda., Lx., 2.ª ed., sg. a 1.ª ed. de 1911 (2.ª ed.) — 1983, *Canções do Vento e do Sol*, col. "Clássicos da Língua Portuguesa", n.º 6, ed. Ulmeiro, Lx. (3.ª ed.).
- , [1911] [RB] *ROSAS BRAVAS, Acto em verso*, representado pela primeira vez no Teatro da República em 5 de Abril de 1911, "A Editora", ed. do autor, Lx., sd.
- , (1917) [IB] *ILHAS DE BRUMA*, of. de Francisco França Amado, Coimbra, 14 de Abril.
- , [1931], [FO] *FÁTIMA. Oratória para orquestra, solos e coros mixtos*, letra de Afonso Lopes Vieira, música de Ruy Coelho, Imprensa de Breitkopf e Hartel em Leipzig, sd.
- , (1931) "SANTA TERESINHA POETISA" in *Rosas de Santa Teresinha*. Rev. mensal, 2.º ano, n.º 13, Lx., Janeiro, pp. 3-4.
- , (1932) [SAJC] *Santo António. Jornada do Centenário*, Soc. ed. Port.-Brasil, Lx., Páscoa.
- espólio da BML— Biblioteca Municipal de Leiria: Guião dactiloscrito para *Fátima* [env. B114, n.º 6815];  
[SA] *Santo António* [BML, ms. n.º 3206];  
*Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, XIV volumes.
- espólio da BGUC— Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: Correspondência de ALV para D. Carolina Michaelis de Vasconcelos [esp. CMV].
- espólio da BMP — Biblioteca Municipal do Porto: Correspondência de ALV para Antero de Figueiredo [BMP, M-AF-4];  
Espólio de Alberto de Serpa [BMP, M-SER-657]